



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS X*
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS, PORTUGUÊS

A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA FEMININA NAS OBRAS *UM*
DEFEITO DE COR E INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

TEIXEIRA DE FREITAS, BA

2025

VANESSA RODRIGUES DOS SANTOS

**A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA FEMININA NAS OBRAS *UM*
*DEFEITO DE COR E INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras-Português, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras – língua Portuguesa e Literaturas, sob orientação do Prof. Dr. Valci Vieira dos Santos.

TEIXEIRA DE FREITAS, BA

2025

A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA FEMININA NAS OBRAS *UM DEFEITO DE COR* E *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*

Vanessa Rodrigues dos Santos¹

Valci Vieira dos Santos²

THE (RE)CONSTRUCTION OF BLACK FEMALE IDENTITY IN THE WORKS *UM DEFEITO DE COR* AND *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*

Resumo: Fundamentada nos pressupostos teóricos e metodológicos da literatura comparada, a presente pesquisa baseia-se num estudo analítico-comparativo, com o intuito de investigar como se dá a (re)construção da identidade negra feminina nas obras *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, buscando, aqui, apresentar como tais narrativas contribuem para a representação identitária, destacamento e afirmação de mulheres negras na literatura contemporânea, servindo como ferramentas de combate para aquelas que, cotidianamente, confrontam as múltiplas formas de opressão estruturais que regem a nossa sociedade, como o racismo e o sexismo. O estudo será desenvolvido a partir dos seguintes eixos: escrevivência, como estratégia narrativa de resistência e memória; interseccionalidade, que servirá como norteadora na articulação a respeito das opressões de gênero, raça e classe; e os processos de construção identitária baseados nas experiências das personagens. Como fundamentação teórica, serão adotadas as contribuições de Evaristo (2020); Sueli Carneiro (2011); Joice Berth (2019); Judith Butler (2018); Margareth Rago (2013); Domício Proença Filho (2004); Aníbal Quijano (2005), entre outros.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Identidade negra feminina; Resistência histórico-cultural; Interseccionalidade.

Abstract: Based on the theoretical and methodological assumptions of the comparative literature, the presente research is based on an analytical-comparative study, with the aim of investigating how the (re)construction of the black female identity takes place in the works *Um Defect de Cor* (2006), by Ana Maria Gonçalves and *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), by Conceição Evaristo, seeking, here, to present how such narratives contribute to the identity representation, detachment and affirmation of black women in contemporary literature, serving as combat tools for those who, on a daily basis, confront the multiple forms of structural oppression that govern our Society, such as racism and sexism.

¹ Graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bolsista de Iniciação Científica 2024-2025, com bolsa PICIN-UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Linguísticos e Literários do Território de Identidade Extremo Sul da Bahia – ELLIOT. E-mail: vr23908@gmail.com.

² Pós-doutor em estudos Literários pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo-UFES; Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense-UFF e Mestre em literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-PUC-Minas. Professor pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Linguísticos e Literários do Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia – ELLIOT e do Grupo de Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras – PLLB/UERJ/Gabinete Português de Leitura-Rio de Janeiro. E-mails: vsantos@uneb.br. Profvalcivieira@gmail.com.

The study will be developed from the following axes: writing, as a narrative strategy of resistance and memory; intersectionality, which will serve as a guide the articulation regarding gender, race, and class oppressions; and the processes of identity construction based on the experiences of the characters. As a theoretical foundation, the contributions of Evaristo (2020); Sueli Carneiro (2011); Joice Berth (2019); Judith Butler (2018); Margareth Rago (2013); Domício Proença Filho (2004); Aníbal Quijano (2005), among others.

Keywords: Afro-Brazilian literature; Black female identity; Historical-cultural resistance; Intersectionality.

1. Introdução

A literatura, como manifestação cultural, desempenha um papel crucial na construção simbólica das sociedades. Para além do entretenimento e da estética, ela é também espaço de memória, resistência aos discursos dominantes e de denúncia ao refletir, questionar e, por vezes, reformular as estruturas sociais que sustentam desigualdades e opressões. Como bem coloca Antonio Candido (2004),

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. [...] podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (Candido, 2004, p. 174 – 175)

Sendo a literatura a representação das subjetividades dos homens, na composição de narrativas, personagens e vozes dissonantes, ela funciona como instrumento de intervenção no real, capaz de confrontar paradigmas dominantes e evidenciar as experiências dos sujeitos historicamente silenciados.

Nesse sentido, pensar a literatura, em especial a literatura afro-brasileira, como prática social, é reconhecer sua capacidade de promover rupturas e deslocamentos no imaginário coletivo, desafiando estereótipos, resgatando histórias esquecidas e (re)afirmando identidades subalternizadas, sobretudo, quando a produção literária advém de uma autoria que faz parte de

grupos subalternizados ou oprimidos cultural e socialmente, como, por exemplo, a literatura produzida por mulheres negras. A respeito do exposto, Evaristo (2020) pontua que,

Dentre as literaturas que inovam o projeto literário nacional, a autoria de mulher negra coloca textos marcantes em um sistema anteriormente erigido, notadamente, pela autoria de homens e mulheres brancas. Creio que a autoria de mulheres negras, pois não sou a única que estou escrevendo, tende a dar outros sentidos à Literatura Brasileira. (Evaristo, 2020, p. 37)

É partindo desse entendimento que este estudo se propõe a investigar como a identidade negra feminina é (re)construída nas obras *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, e *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, publicado em 2011, tendo como foco central as estratégias de empoderamento e resistência traçadas por suas personagens.

A escolha de tais autoras, para o presente estudo, justifica-se pelo destaque significativo que ambas desempenham no cenário da literatura afro-brasileira; por trazerem, em suas obras, as experiências do real vivenciadas pela população negra. Natural de Minas Gerais, Ana Maria Gonçalves é escritora, tradutora e jornalista. Sua trajetória literária iniciou-se com *Ao lado e à margem do que sentes por mim* (2002), mas foi com o romance *Um Defeito de Cor* (2006) que alcançou maior projeção. Na obra, é narrada a trajetória de Kehinde, desde a sua infância na África, até a velhice no Brasil, numa escrita que articula identidade, memória e resistência ao silenciamento histórico. Ana Maria Gonçalves tornou-se a primeira mulher negra a integrar a Academia Brasileira de Letras, em 2025, ao ser eleita para a cadeira de número 33, um marco histórico e simbólico que reafirma a importância de sua contribuição à literatura afro-brasileira.

Por sua vez, Maria da Conceição Evaristo, também mineira, nascida em Belo Horizonte, é uma das mais expressivas vozes da literatura afro-brasileira contemporânea. É escritora, ensaísta e ficcionista. Graduada em Letras com ênfase em Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada, Evaristo construiu obras marcadas pela centralidade das experiências de mulheres negras, tendo cunhado o conceito de “escrevivência” para nomear uma escrita que emerge da vida, do corpo e da memória. Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), a autora reúne contos protagonizados por personagens que desafiam a lógica da invisibilidade e transformam a dor em palavra. Sua produção, profundamente enraizada na oralidade e na ancestralidade, afirma a literatura como espaço de insurgência e de reconstrução da subjetividade negra.

As obras dessas duas autoras elencadas resgatam o valor da ancestralidade, da memória e da oralidade, elementos essenciais para a formação da identidade negra feminina e para a

reconfiguração de um discurso próprio, uma narrativa que parte das vivências e da dor, mas também da força, da coragem e da sabedoria de quem se recusa a ser silenciado.

Nessas duas obras literárias, há traços de um Brasil marcado por um passado colonial violento e por estruturas sociais ainda atravessadas pelo racismo e pelo sexismo, onde as mulheres negras sempre estiveram em posição de subalternidade, sendo constantemente invisibilizadas, tanto no âmbito social quanto no literário. A esse respeito Sueli Carneiro (2011) assim se pronuncia:

[...] constata-se que a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos, e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração. (Carneiro, 2011, p. 118 - 119)

Historicamente representadas de maneira estigmatizada ou reduzidas à condição de “outras”, as vivências das mulheres negras foram marginalizadas, e seus discursos, sistematicamente silenciados. Nesse contexto, torna-se fundamental investigar como autoras negras contemporâneas vêm tencionando esse cenário por meio de suas escritas, pontuando outras formas de existência, subjetividade e representação. Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo, ao centrarem suas narrativas na experiência de vivências negras, especialmente nas duas obras que servem como *corpora* para texto, abarcam a questão do feminino. As autoras oferecem, ainda, contribuições significativas para o debate sobre identidade, pertencimento e justiça social, reescrevendo a história a partir de novas perspectivas, e inserindo, na literatura brasileira, vozes que transpõem os limites do cânone tradicional.

A partir do estudo desse tema, traçamos como principal objetivo analisar como essas duas obras literárias contribuem para a (re)construção da identidade negra feminina no contexto da literatura afro-brasileira contemporânea, com especial atenção às estratégias narrativas que evidenciam formas de empoderamento e resistência. Para tanto, a análise será orientada por alguns objetivos específicos, como: identificar as formas de resistência que emergem das narrativas; compreender o papel da ancestralidade e da memória como pilares identitários; examinar a maneira como as personagens desafiam discursos dominantes e constroem uma voz própria; e, por fim, refletir sobre o papel da literatura como instrumento de descolonização do pensamento, confrontando estruturas racistas e sexistas ainda vigentes.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa se insere numa perspectiva interdisciplinar, estabelecendo diálogo com os fundamentos da literatura comparada e da crítica cultural. Esta última se manifesta como abordagem metodológica essencial, pois permitir analisar o fenômeno literário para além de sua dimensão estética, focando em como as narrativas atuam como dispositivos sociais e ideológicos. Sob essa ótica, a crítica cultural capacita este estudo a desvendar as relações de poder inscritas nas obras, investigando como os elementos da escrevivência e da interseccionalidade não apenas representam a experiência negra feminina, mas também confrontam e subvertem ativamente a colonialidade do poder e as estruturas hegemônicas que tentam silenciar as vozes subalternizadas, convertendo a literatura em um campo de resistência ativa e de produção de conhecimento próprio.

Autoras como Sandra Nitrini (2010) e Tânia Franco Carvalhal (2006) oferecem o suporte necessário para refletirmos a comparação entre as obras, enquanto Benjamin Abdala Jr. (2014) reforça a importância da articulação entre literatura e história na compreensão das identidades culturais, dialogando com Antonio Candido (2004), ao discutir a função social da literatura. No campo dos estudos de raça e gênero, destacam-se as contribuições de Lélia Gonzalez (2020) e Joice Berth (2019), cujas reflexões sobre feminismo negro e empoderamento fornecem base para compreender as múltiplas dimensões da resistência feminina negra. Stuart Hall (2006) e Judith Butler (2003) contribuem para o entendimento das identidades, como construções discursivas e performativas. Com relação ao conceito de interseccionalidade, formulado por Kimberlé Crenshaw (2002), serão analisadas as camadas de opressão que atingem as mulheres negras simultaneamente pela raça e pelo gênero. Outro conceito-chave deste trabalho é o de *escrevivência*, cunhado por Conceição Evaristo (2020), que expressa uma escrita enraizada na experiência pessoal e coletiva da população negra, sobretudo das mulheres. Ao lado desse conceito, ganha relevância a noção de “discurso próprio”, desenvolvida por pensadores, como Antônio Bispo dos Santos (2023), que defende a importância de narrativas que partem dos saberes e vivências das comunidades negras e dos povos originários como forma de afirmação de identidade e resistência epistêmica.

O texto parte, inicialmente, de uma breve abordagem teórica e crítica sobre os conceitos de identidade negra feminina, empoderamento, resistência, *escrevivência* e interseccionalidade. Na sequência, procederemos à análise comparativa das duas obras, destacando os elementos literários que evidenciam, na construção das personagens femininas negras, discursos contra hegemônicos e as estratégias de reexistência presentes nas narrativas.

Por fim, serão discutidas as contribuições dessas obras para a valorização da literatura afro-brasileira, evidenciando a centralidade das vozes femininas negras na constituição de um imaginário literário mais plural e comprometido com a justiça social. Espera-se também que este estudo venha a contribuir para o reconhecimento da importância da literatura afro-brasileira contemporânea na construção de narrativas mais inclusivas, plurais e representativas.

2. *Escrevivência*: a palavra como resistência, empoderamento e memória

O conceito de *escrevivência* surge como uma escrita que nasce da vivência, da dor, da memória e da luta, e se constitui como elemento essencial para apreensão das estratégias narrativas empregadas em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* e *Um Defeito de Cor*. Mais do que uma forma de expressão individualizada, a *escrevivência* propõe uma maneira de compreender o mundo a partir das experiências de quem foi historicamente silenciado, ressignificando a palavra como herança, testemunho e reconstrução de identidades. Por meio dessa escrita, as narradoras e personagens dessas obras transformam lembranças em força criadora, fazendo da literatura um território de resistência e afirmação. Evaristo (2020), a respeito da *escrevivência*, coloca:

[...] *Escrevivência*, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (Evaristo, 2020, p. 30)

Nesse sentido, ela deixa de ser apenas uma ferramenta de expressão, e torna-se um movimento político, que reintegra a mulher negra como sujeito (a) histórico e narrativo.

Como força criadora, emergente do corpo e da experiência, a *escrevivência* apresenta uma ruptura com o paradigma epistemológico que, tradicionalmente, exclui a mulher negra do lugar de produtora de conhecimento. Trata-se de uma prática que desloca o centro enunciativo, trazendo para a superfície memórias que, historicamente, se viram interdidas pelas narrativas oficiais canônicas. Essa escrita, que mobiliza afetos, ancestralidade e consciência crítica, reafirma a legitimidade de uma subjetividade que, por séculos, fora negligenciada e, ao mesmo

tempo, evidencia um empoderamento coletivo que (re)centraliza tais mulheres, colocando-as como protagonistas de suas histórias.

É nessa mesma vertente de deslocamento epistemológico que se inserem as discussões do líder e ativista político Antônio Bispo do Santos. Ao trazer o conceito do *discurso próprio*, ele ressalta a carência, a urgência de os povos historicamente marginalizados, especialmente as comunidades negras e originárias/tradicionais, falarem a partir de suas referências culturais e cosmológicas próprias. Para Bispo (2023), o discurso próprio é um processo de retorno ao fio da palavra e reconstrução do conhecimento. É também o que ele vai chamar de “guerra das dominações”, isto é, o enfretamento simbólico com os sentidos e com a língua impostos pela colonização:

[...] É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las. [...] Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. (Santos, 2023, p. 8)

A perspectiva de Bispo converge com a proposta escritivente de Evaristo, uma vez que ambas se intentam em reverter, por meio da linguagem, os mecanismos de dominação simbólica. A autora faz da escrita e da oralidade um território de autoafirmação da mulher negra, ao passo que Bispo sugere que o ato de nomear e ressignificar é, por si só, um movimento contracolonial.

Se a escrevivência e o discurso próprio caracterizam a possibilidade de reinserção das mulheres negras no mundo, reconfigurando-o por meio de suas próprias linguagens e vozes, o empoderamento configura/representa o gesto de permanência dessas mulheres dentro dele. O empoderamento reafirma a potência coletiva que as une, ou seja, o processo de empoderar-se não se limita ao âmbito individual, mas constitui um exercício contínuo de reconfiguração identitária pautada na coletividade. Sobre isso, Joice Berth (2019) afirma:

É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstroem e desconstroem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. Em outras palavras, se o empoderamento, no seu sentido mais genuíno, visa a estrada para a contraposição fortalecida ao sistema dominante, a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser. (Berth, 2019, p. 37)

O que Joice Berth afirma é que o empoderamento não se consolida na solidão, mas na uniformidade das experiências. Essa compreensão é crucial para pensar as narrativas de mulheres negras, pois mostra que mesmo histórias vividas e contadas no plano individual carregam em si marcas e ecos de um processo coletivo. As personagens em *Insubmissas Lágrimas*, ainda que inseridas em contextos marcados pela precariedade, violência e pelo silenciamento, recusam o lugar de objeto da opressão. Percebe-se nelas uma insurgência quieta, uma força que não precisa ser espetacular para ser política. Resistir, nessas narrativas, é também continuar a vida apesar das marcas do passado. Continuar com dignidade, afeto e memória. Continuar existindo com palavra, empoderando-se, mesmo quando tudo na estrutura social as convida à desistência. É nessa linha de leitura que segue afirmando Joice Berth (2019):

[...] Empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História. (Berth, 2019, p. 19)

Diante da urgência de superar as vertentes opressoras, como menciona Berth, é essencial retomar o conceito de interseccionalidade, proposto por Kimberlé Crenshaw (2002), para assim compreender a profundidade dos obstáculos enfrentados pelas protagonistas de Evaristo e Gonçalves. Essa teoria evidencia que racismo e o sexismo não ocorrem isoladamente, mas se sobrepõem, gerando uma vulnerabilidade específica que tende a relegar a mulher negra à parte mais baixa da hierarquia social. Nas obras examinadas, as histórias de Kehinde e das figuras em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* retratam essa realidade de maneira clara: suas dores e silenciamentos não decorrem apenas de serem mulheres ou de serem negras, mas da fusão indissociável dessas condições. Contudo, é exatamente na consciência dessa posição cruzada que a resistência ganha contornos singulares; ao perceberem que suas experiências são atravessadas por múltiplos eixos de subordinação, essas narradoras transformam a escrita em uma ferramenta interseccional de libertação, validando a tese de que o verdadeiro empoderamento exige a desarticulação simultânea das amarras de raça, gênero e classe.

O reconhecimento de si como sujeito é um dos pilares do gesto escrivente. A escrita torna-se lugar de insurgência e reconstrução, no qual as vozes vítimas do silenciamento são, enfim, pronunciadas por si mesmas. Ao narrar suas histórias, essas mulheres não apenas recontam o passado, mas também produzem novas possibilidades de existência, enraizadas na

memória coletiva, na solidariedade e na (re)afirmação de sua humanidade e subjetividade. Esse gesto narrativo é, portanto, mais do que recontar o vivenciado, é reinscrever-se no mundo a partir de uma escrita própria, forjada por entre dores históricas e estratégias necessárias de/para sobrevivência.

Logo, a escrevivência rompe com o paradigma epistemológico que tradicionalmente exclui a mulher negra do lugar de produtora de conhecimento. Trata-se de uma prática que desloca o centro enunciativo, trazendo para a superfície memórias que, sistemática e historicamente, se viram interdidas pelas narrativas oficiais canônicas. Essa escrita potencializadora, que mobiliza afetos, ancestralidade e consciência crítica, reafirma a legitimidade de uma subjetividade que, por séculos, fora desumanizada e, ao mesmo tempo, evidencia um empoderamento coletivo que (re)centraliza tais mulheres, colocando-as como protagonistas de suas histórias. Observa-se:

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (Evaristo, 2020, p. 35)

Evaristo, ao colocar o gesto escreviente como forma de auto inscrição no mundo e, ao mesmo tempo, como ação coletiva de afirmação, promove um deslocamento da escrita para além do campo estético, transformando-a em prática política de existência. Ao apropriar-se da palavra, não como concessão, mas como conquista, a mulher negra ressignifica a linguagem, transformando-a em território político. A subjetividade que emerge da escrita de si não é individualizada; ao contrário, surge no entrelaçamento com o coletivo, com a ancestralidade que foi deixada de herança, com os fantasmas e silêncios do passado. É nesse gesto de escrita que a resistência se revela: não como resposta imediata à opressão, mas como um modo de existir que desafia os regimes de invisibilidade e silenciamento impostos historicamente. A escrevivência não “fala por” mulheres negras; ela é a fala dessas mulheres, encarnada na linguagem, sintonizada com a memória das que vieram antes e preparando o trajeto para as que virão depois.

Essa reconfiguração impar do sujeito-narrador é também o eixo que estrutura a história de *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves. Ao colocar a protagonista Kehinde como autora de uma longa carta ao filho perdido, a obra resgata o gesto escreviente como mecanismo

de resistência e (re)construção de identidade. Sequestrada ainda criança na África, Kehinde é silenciada desde a infância, privada da própria língua, da terra natal e do direito à história. No entanto, ao escrever a trajetória de sua vida, ela se reposiciona como sujeito de sua existência.

A narrativa de Kehinde não fica limitada somente à rememoração de fatos, mas opera como ferramenta simbólica de restituição, no momento em que ela reorganiza suas memórias, não como arquivo fixo, mas como processo vivo, e inscreve seu corpo, sua voz e suas escolhas em uma narrativa que a cultura dominante tentou apagar. A carta, por ela escrita, pode ser entendida como um grito íntimo e político, no qual maternidade, diáspora, resistência e desejo de futuro se entrelaçam. Assim como em Evaristo, a palavra se é espaço de luta, mas também de cuidado; é a partir dela que Kehinde se comunica com o filho e, simbolicamente, com seus antepassados e com todas as gerações que herdarão suas vivências.

Ao relatar sua trajetória por meio de uma escrita íntima e fluida, Kehinde não apenas desafia os registros históricos oficiais que silenciaram mulheres como ela, mas também constrói um discurso contra-hegemônico que denuncia o colonialismo, a violência racial e de gênero, e reivindica sua plena humanidade. Sua escrevivência se estrutura em uma temporalidade múltipla — o passado escravocrata, o presente da escrita e a projeção de um futuro desejado — e é exatamente nessa articulação temporal que reside sua potência política. A memória, quando acionada de forma crítica, deixa de ser mera nostalgia e se torna instrumento de luta.

Nas narrativas traçadas por Conceição Evaristo, o gesto escreviente também está fortemente ancorado na memória, configurada em pequenos fragmentos do cotidiano atravessado por violências simbólicas e concretas. Nos contos “Shirley Paixão”, “Natalina Soledad”, “Adélia Santana Limoeiro” e “Maria do Rosário Imaculada da Conceição”, a oralidade e a subjetividade emergem como dispositivos de sobrevivência. A recusa em aceitar a subalternação como destino é um dos pontos que une essas personagens. As dores vivenciadas não as paralisam, pelo contrário, as movem. A palavra, nos textos de Evaristo, é memória, corpo; é carne viva que sangra.

A palavra, enquanto território de criação e resistência, não se limita a dizer o presente: ela também reativa a memória e recupera as vozes que o tempo tentou silenciar. É justamente nesse ponto que a escrevivência se entrelaça à memorização, pois escrever, para Evaristo e Gonçalves, é um gesto de retorno e reconstrução, um modo de reconstituir trajetórias fragmentadas pela violência colonial e reinscrever a experiência negra feminina no curso da história.

Sob essa ótica, a memória das personagens se instaura como movimento indispensável de relembração e (re)afirmação. A partir das vivências narradas em *Insubmissas lágrimas* e *Um defeito de cor*, a memorização não apenas resgata passado, mas possibilita que mulheres negras reclamem voz e agência sobre suas experiências. Recordar, nesse sentido, não é somente revisitar o que foi vivido, mas processo de autorreconhecimento.

Assim, as experiências evocadas por Evaristo e Gonçalves não se esgotam na interioridade das personagens, mas integram um campo de lembranças partilhadas, em que o indivíduo se reconhece como parte de uma comunidade de experiências. Maurice Halbwachs (1990, p. 79) compreende a memória como um fenômeno social ao afirmar que “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.” Dessa forma, o lembrar se transforma em gesto relacional e político, no qual o passado é constantemente revisitado e reconstruído através da interação entre os indivíduos.

Tomada essa compreensão, é possível perceber que em *Um defeito de cor* e *Insubmissas lágrimas de mulheres*, as personagens não apenas evocam fragmentos de suas vidas, mas reatualizam aquilo que permanece vivo na consciência coletiva, estabelecendo um diálogo entre a lembrança pessoal e a memória ancestral. Tal compreensão é reforçada pelo próprio Halbwachs, ao distinguir memória e história:

A memória coletiva se distingue da história sob pelo menos dois aspectos. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. (Halbwachs, 1990, p. 122).

Ao iluminar o que persiste no presente, a memorização literária se torna ato de resistência e reconstrução simbólica, capaz de converter a experiência em permanência e a lembrança em identidade. Nessa tessitura entre memória individual e coletiva, a escrita assume papel de mediação; ela transforma o vivido e o rompe com o silêncio, abrindo caminho para a constituição da subjetividade das mulheres negras.

Nesse enlace entre memória e subjetividade, tais narrativas não apenas evidenciam os impactos estruturais do racismo e do sexismo, mas também afirmam possibilidades de reexistência. A subjetividade negra feminina, que emerge desses textos, é complexa, múltipla e profundamente enraizada na coletividade, fragmentando os modelos individualistas ocidentalizados e afirmando um outro paradigma: o da mulher que escreve para si e para as

suas, consciente de que cada palavra escrita é também um ato de insurgência e de preservação da memória ancestral.

Essa produção de subjetividades, através da palavra escrita e da oralidade, desloca não apenas a centralidade epistêmica branca e masculina, mas também os critérios tradicionais de inteligibilidade da identidade. É nesse ponto que os apontamentos de Butler (2018) acrescentam densidade ao debate. A autora propõe que a identidade de gênero e, por extensão, toda identidade social, não é uma essência fixa ou natural, mas o resultado de uma repetição performativa de normas culturais. Essa repetição, no entanto, está sempre sujeita a falhas e aberturas. Nas palavras de Butler,

O sujeito é, ao mesmo tempo, condicionado e constituído por estruturas discursivas. Contudo, os próprios discursos que produzem as normas de inteligibilidade podem falhar ao regulá-las completamente. Esta falha, esta quebra na regulação, pode ser precisamente o espaço onde ocorre a subversão das normas, onde o sujeito se reinscreve de forma crítica. (Butler, 2018, p. 30)

Nesse sentido, a escrita de mulheres negras opera exatamente nesse “espaço de falha” da norma. A escrita de si não apenas subverte os discursos que nomeiam e fixam a mulher negra a estigmas de submissão, hipersexualização ou servidão, mas reinscreve sua existência em códigos afetivos e políticos que escapam à norma colonial.

Em *Um Defeito de Cor*, o modo como Kehinde narra sua travessia, da infância livre à escravidão, da perda ao retorno, constitui um exemplo potente dessa subversão discursiva. Ela rearticula os sentidos de maternidade, negritude, liberdade e pertencimento. Do mesmo modo, as personagens de Evaristo não seguem um roteiro de identidade fixo ou homogêneo. Elas inventam a si mesmas no embate com o mundo, e, cada vez que se narram, criam fissuras nas estruturas de dominação. Isso porque, como nos lembra Butler (2018, p. 33), “o sujeito só pode emergir nos interstícios das normas que o constituem, resistindo nelas e contra elas.” Assim sendo, a escrevivência pode ser compreendida como prática performativa por excelência, pois se dá na repetição reconfigurada de códigos historicamente violentos. A mulher negra, que escreve, desloca o próprio regime de verdade que a exclui, reforçando, assim, a centralidade da escrita como ferramenta de reorganização do mundo, a partir do ponto de vista das subalternizadas, posicionadas agora como criadoras de significados e produtoras de conhecimento, não mais como vítimas. No entrelaçamento entre Butler, Gonçalves e Evaristo, entre escrevivência e performatividade, o que se vislumbra é a potência política de uma linguagem capaz de converter séculos de silenciamento em enunciação plena.

3. Ancestralidade como pilar identitário e a descolonialidade na literatura afro-brasileira

A ancestralidade se estabelece como um dos pilares centrais da identidade negra, operando não somente como elo de continuidade histórica, mas como referencial simbólico e cultural que sustenta e confirma a coletividade, manifestando-se nas práticas religiosas e sociais, na oralidade e na preservação dos múltiplos valores que atravessam gerações. Ao se tratar da literatura afro-brasileira, segundo Eduardo de Assis Duarte (2013, p. 150), “o resgate de uma memória de lutas e de práticas ancestrais ganha registro impresso nas páginas dos autores afrodescendentes”. Desse modo, a escrita de autoria negra surge atravessada pela experiência coletiva e pela memória ancestral, transmudando a palavra em testemunho e em permanência. Assim, a ancestralidade é colocada como unificadora das narrativas, reconfigurando o passado.

Em *Um defeito de cor*, o elo ancestral manifesta-se como força que organiza e garante a continuidade da vida. Essa ancestralidade manifesta-se em múltiplos planos da narrativa de Kehinde, seja no diálogo contínuo com o culto aos orixás e à religiosidade de África, nas memórias de práticas e rituais que sobrevivem à diáspora, na transmissão de saberes de mulheres mais velhas – avós, mães, companheiras de culto – que constituem uma rede de cuidado e resistência. A personagem, ao longo da obra, parte da condição de objeto, escravizada, nomeada, deslocada, para se reconhecer como sujeito com voz, memória e legado, fundamentada em uma matriz cultural ancestral. Portanto, esta ligação com os antepassados torna-se corpo, território, língua e presente: instância de pertencimento e de afirmação, que dá sentido às perdas, aos deslocamentos e à busca por liberdade. Em sua trajetória, Kehinde reconstrói laços rompidos pela escravidão. Reencontra espaços de pertença, fortalece ritos, reafirma a importância da palavra como resistência, de modo que a ancestralidade atua como princípio de continuidade, de reexistência, de insurgência contra o apagamento histórico.

A ligação com a figura ancestral se dá, além do laço sanguíneo, pela partilha de um mesmo conjunto de costumes, crenças e saberes que sustentam a personagem em seu trajeto de diáspora. A compreensão da força política deste gesto narrativo nos remete ao conceito de *descolonialidade* que se distingue de *descolonização* por não se referir somente à emancipação política formal, mas ao processo ininterrupto de desarticulação da colonialidade do poder, estrutura que, segundo Aníbal Quijano (2005), se mantém por meio da hierarquização das raças e desqualificação de conhecimentos e saberes não europeus. Quijano afirma que:

A colonialidade do poder é um dos eixos fundamentais desse padrão de poder [...] classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial. (Quijano, 2005, p. 2)

Essa definição evidencia que o colonialismo ultrapassa os limites históricos da colonização, projetando-se como lógica de poder e de conhecimento que ainda estrutura as relações sociais, culturais e epistêmicas. A colonialidade, portanto, não se encerra com o fim do domínio político europeu: ela persiste na naturalização da inferiorização racial e na imposição de uma epistemologia eurocentrada, que estabelece o homem branco ocidental como medida universal de humanidade e racionalidade.

Ao se apropriar da palavra e recontar suas próprias histórias, autoras como Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves rompem simbolicamente com essa lógica, reinscrevendo o sujeito negro como produtor de conhecimento e como centro da experiência humana. Desse modo, a literatura afro-brasileira assume um papel descolonial, não apenas por denunciar o legado do colonialismo, mas por subverter seus dispositivos narrativos e epistêmicos, devolvendo humanidade e complexidade às personagens negras historicamente objetificadas.

Nesse contexto, a ancestralidade, enquanto herança espiritual e cultural, torna-se o eixo simbólico que sustenta esse processo de libertação discursiva. Ao reinscrever na narrativa os valores, saberes e cosmologias africanas, as autoras constroem uma escrita que confronta o paradigma moderno/colonial e propõem outras formas de pensar, sentir e existir no mundo.

Assim, a descolonialidade e a ancestralidade se entrecruzam na escrita afro-brasileira como práticas complementares de reexistência: uma, operando no campo da ruptura política e epistêmica; e a outra, no da continuidade espiritual e identitária. Ambas convergem para a criação de uma literatura que desloca o olhar eurocêntrico e reinscreve a experiência negra como centro legítimo de produção de sentido. Na literatura, a descolonialidade se traduz na criação de narrativas que recusam o lugar de objeto atribuído à pessoa negra, propondo, em seu lugar, uma voz autônoma e crítica.

Em *Insubmissas Lágrimas*, no conto “Natalina Soledad”, o movimento descolonial é marcado no corpo e na identidade da personagem quando ela decide autonomar-se, rejeitando um nome que foi imposto e que veio carregado de desprezo familiar. Observa-se:

E, sonoramente, quando o escrivão lhe perguntou qual nome adotaria, se seria mesmo aquele que aparecia escrito na petição de troca, ela respondeu feliz e com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad. O tabelião, não crendo, tentou argumentar que aquele nome destoava da denominação familiar dos

Silveiras e que era meio esquisito também. Por que Natalina Soledad? Por quê? Natalina Soledad — nome, o qual me chamo — repetiu a mulher que escolhera o seu próprio nome. (Evaristo, 2020, p. 18).

A escolha de um novo nome, nesse conto, representa um gesto simbólico de ruptura com a herança colonial que impôs à mulher negra uma identidade construída a partir do olhar do outro. Ao autonomar-se, Natalina Soledad realiza um ato de reescrita de si, subvertendo a lógica do apagamento e afirmando o direito de significar a própria existência. O corpo e a voz da personagem tornam-se espaços de enunciação e resistência, em que o passado de opressão é confrontado pela possibilidade de autodeterminação. A escrita de Evaristo, ao registrar esse gesto, reafirma a dimensão política da palavra e a potência descolonial que emerge da linguagem quando esta é mobilizada por sujeitos historicamente silenciados.

Tanto em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* quanto em *Um Defeito de Cor*, observa-se que ancestralidade, memória e a descolonialidade convergem na construção de subjetividades negras femininas que se afirmam em oposição às narrativas hegemônicas. Enquanto em Gonçalves a ancestralidade se manifesta como força que sustenta Kehinde em sua travessia diaspórica, entrelaçando religiosidade, espiritualidade e saberes tradicionais, em Evaristo essa dimensão ancestral se traduz na oralidade e na transmissão intergeracional de experiências entre mulheres. Em ambas, o retorno às origens e a evocação das memórias coletivas atuam como instrumentos de recomposição identitária e como enfrentamento à colonialidade do poder.

Por sua vez, a ideia de descolonialidade é expressa nas duas obras como processo de deslocamento epistêmico. Em *Um Defeito de Cor*, a escrita epistolar de Kehinde é uma forma de reinscrever a história do ponto de vista de quem foi subjugada, transformando a carta em espaço de memória e libertação. Já em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, o movimento descolonial se dá pela multiplicidade de vozes femininas que narram suas dores, amores e resistências, rompendo com o discurso único e eurocentrado sobre o ser mulher e o ser negra. Assim, tanto Kehinde quanto as personagens de Evaristo ressignificam a linguagem, reocupando o espaço simbólico do discurso e convertendo-o em território de reexistência.

Nessa perspectiva, fica evidente que a escrita de mulheres negras, ao articular memória, ancestralidade e descolonialidade, ultrapassa os limites da representação literária e se transforma em ato político de reconstrução do sujeito. As obras de Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo dialogam, portanto, na medida em que colocam a palavra a serviço da cura

e da lembrança, da denúncia e da (re)criação. Ambas inscrevem a experiência negra feminina como centro de enunciação e, ao fazê-lo, rompem com os paradigmas ocidentais de identidade e universalidade, instituindo uma literatura marcada pela pluralidade, pela escuta e pela espiritualidade.

Desse modo, a ancestralidade atua como raiz simbólica que conecta Kehinde a suas origens e Natalina Soledad à sua autonomia; a memória, como fio que entrelaça as vivências individuais às coletivas; e a descolonialidade, como horizonte de libertação que redimensiona a própria noção de sujeito. Através dessas camadas, Evaristo e Gonçalves edificam e consolidam um projeto estético e político comum: o de transformar a narrativa em espaço de reescrita do mundo e de reposição da mulher negra como agente de sua história.

4. Conclusão

A pesquisa em questão objetivou realizar uma análise comparativa entre as obras *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), escrita por Conceição Evaristo, e *Um Defeito de Cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves. O objetivo principal foi examinar como a literatura gerada por autoras negras serve como um espaço de resistência, reconstrução identitária e manifestação das subjetividades. Através desta análise, tornou-se claro que ambas as escritoras, cada uma com seu estilo, produzem uma escrita que transcende a estética, se configurando como um ato político, histórico e emocional.

Os temas abordados, como identidade, memória, ancestralidade, escrevivência e resistência, foram fundamentais para este estudo. Na obra de Evaristo, esses elementos aparecem de forma mais íntima e poética, expressando as diversas vozes de mulheres negras que compartilham suas dores e emoções como um meio de (re)existir. Por outro lado, em Gonçalves, a resistência se materializa em uma narrativa rica em contexto histórico, onde a personagem Kehinde, ao relatar sua trajetória, desde a infância na África até sua velhice, no Brasil, reconstrói a história coletiva do povo negro a partir de uma vivência pessoal.

Entre as obras analisadas, foram observados pontos de convergência significativos, particularmente o papel central da mulher negra como portadora de sua própria voz e a valorização da memória e ancestralidade africanas. Tanto Evaristo quanto Gonçalves criam narrativas que reposicionam a mulher negra como protagonista e narradora de sua própria história, desafiando o silenciamento imposto pelo racismo e pelo patriarcado. As autoras evidenciam que a palavra é uma ferramenta de libertação, transformando a dor em força.

Por outro lado, as diferenças entre as obras enriquecem o diálogo entre elas. Enquanto Conceição Evaristo adota uma linguagem fragmentada, poética e sensorial, caracterizada pela oralidade e pela multiplicidade de vozes, Ana Maria Gonçalves constrói uma narrativa mais linear e histórica, explorando as conexões entre o indivíduo e o tempo, bem como entre o pessoal e o coletivo. Se em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* a resistência emerge da partilha e das emoções, em *Um Defeito de Cor* ela se fundamenta na travessia e na consciência histórica.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, ficou evidente que a literatura, produzida por mulheres negras, não apenas denuncia injustiças, mas também revela as subjetividades dessas mulheres, expondo camadas internas de sensibilidade, desejo, fé e autoconhecimento que, historicamente, foram desconsideradas. Essa revelação se destacou como um dos aspectos mais impactantes do estudo, pois demonstra que a escrita de Evaristo e Gonçalves funciona como uma forma de cura ancestral, onde recordar, narrar e existir se tornam atos de resistência e reconstituição da dignidade.

Dessa forma, chegamos à conclusão de que a produção literária, feita por mulheres negras, se destaca como uma das manifestações mais significativas para a transformação social atualmente. Ao reinterpretar a história e compartilhar suas próprias vivências, essas autoras mostram que a escrita é, sem dúvida, um meio de liberdade. Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves provam que as palavras servem como espaços de poder, lembrança e vigor, e a voz de cada mulher negra, que se manifesta na literatura, amplia os horizontes da humanidade, possibilitando uma descolonização da visão e fomentando uma nova sensibilização entre os leitores.

5. Referências

AMARAL, Sharyse Piroupo do. *História do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

ABDALA JR., Benjamin (Org.). *Estudos comparados: teoria, crítica e metodologia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2006.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CUTI (Luiz Silva). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan./jun. 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953/8012>. Acesso em: 21 maio 2024.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UECE, 2022.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. 5. reimpr. São Paulo: Centauro, 2011.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto (Org.). *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: EDUFF, 2004.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 2010.

PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/9980/11552>. Acesso em: 15 maio 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenção da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Gevanilda. *Relações raciais e desigualdades no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2009.